

## **Cuidar com Livros, Cuidar do Mundo**

Reflexão sobre o livro na contemporaneidade a partir do conto «O bibliotecário que cuidava do mundo»

**Ana Isabel Marques**

\* ESTG\_IPLeiria / ILCML<sup>1</sup>

Desde a invenção da escrita à era digital, o livro tem sido alvo dileto das mais variadas reflexões, perceções e preocupações. O livro, dependendo dos contextos e das circunstâncias, pode ser entendido como sustentáculo e meio de difusão do conhecimento e do saber. Privilégio de minorias e elites, reservado apenas a alguns, ou propalado como bem essencial em contextos de democratização do ensino, o livro reflete, invariavelmente, o funcionamento das próprias sociedades.

Pode ser repositório da identidade cultural coletiva e, num plano mais intimista, do próprio indivíduo que aí descobre sentido de pertença. Glosando Tzvetan Todorov na obra *Literatura em Perigo* (2009), a propósito do poder da literatura, mas que, neste contexto, assumidamente transponho para o conceito «livro» como modo de ampliar o nosso universo, de abrir ao infinito a possibilidade de interação com os outros e de, por isso mesmo, nos enriquecer e fortalecer.

O livro pode ser reduto de resistência dos coletivos ante a ascensão e implantação de autocracias. E pode, na perspetiva inversa, ser objeto malquisto de regimes totalitários, que veem nas palavras feitas livros sementes de rebelião. Ou ser concebido e produzido com o propósito explícito de doutrinação ideológica.

Tempos diferentes comportam desafios de natureza vária. O analfabetismo foi em muitos períodos históricos (e é ainda em muitas latitudes) o mais óbvio e intransponível óbice à própria existência do livro, sendo, por isso mesmo, estratégia preferencial de regimes despóticos. Nesses contextos, o fator género é desgraçadamente diferenciador, sendo as mulheres militantemente excluídas do acesso ao livro e ao saber livresco.

---

<sup>1</sup> No âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UIDB/00500/2020).

A iliteracia, ou analfabetismo funcional, é atualmente, e em todas as latitudes, o óbice maior à existência do livro e à relevância dos seus conteúdos.

Na vertigem da evolução tecnológica (feita moda ou tendência), o livro, sobretudo em suporte papel, é visto como algo ultrapassado e bafiento. A democratização do acesso à internet, a proliferação dos canais mediáticos e a propagação avassaladora das redes sociais empurram-nos para um atoleiro comunicativo do qual dificilmente nos conseguimos libertar.

Acelerou-se o tempo de leitura, que agora se quer frenética e pela rama. Retêm-se apenas os títulos, investe-se em parangonas e desinveste-se nos conteúdos. Não há já espaço-tempo para a reflexão ou digestão cognitiva que a leitura dos livros naturalmente requer.

Este cenário é terreno mais do que fértil para que a palavra-mote, oca, desprovida de profundidade semântica e sem pretexto para reflexão, cavalgue as ondas do populismo. A mentira, com a sofisticada designação de *fake news*, exhibe um despudor inaudito e vai fazendo estragos em mentes mais incautas. A notícia moldada às cosmovisões, necessidades e sensibilidades de cada leitor é-lhe servida à medida, qual *customized menu* das cadeias de *fast food*.

Aqueles que, de alguma maneira, sentem perplexidade e pânico ante as distopias literárias a acontecerem procuram alertar para os perigos destes cenários e, num esforço patético ou, quiçá, quixotesco, tentam remar contra a corrente ou lutar contra moinhos de vento. Apregoam a importância do pensamento crítico, da reflexão literária, da leitura informada – faróis norteadores que, diz-nos a História, já tantas vezes salvaram a humanidade desesperançada.

É talvez agora o momento de nos socorrermos de novo dos livros.

Fazendo eco, de alguma forma, das palavras de Tzvetan Todorov (2009) que valorizam a experiência da leitura em detrimento da esterilidade de análises literárias e exercícios teóricos a propósito da literatura, também neste espaço vou assumidamente desvalorizar o ruído da crítica literária para deixar ecoar a palavra narrada.

A narrativa que aqui se apresenta, e que tematiza o poder redentor do livro, é em si mesma um convite à reflexão sobre o papel da literatura, não só enquanto veículo de enriquecimento pessoal, mas também enquanto baluarte de estruturação identitária coletiva.

## **O bibliotecário que cuidava do mundo**

Há muito, muito tempo, num reino muito, muito distante, que quase caía fora do mapa, vivia uma rainha chamada Sofia. A rainha Sofia era deveras bondosa, preocupava-se com os habitantes do reino, em particular com as crianças e com os idosos. Tinha olhos com a doçura do mel, cabelos feitos de raios de sol e quando sorria iluminava tudo à sua volta.

A rainha Sofia tinha também uma paixão enorme por livros. herdara essa paixão dos seus pais e dos seus avós. Havia, por isso, no palácio uma sala forrada com livros do chão ao teto. Livros das mais variadas cores e, quando o sol entrava pela sala, brotavam das paredes maravilhosos arcos-íris que faziam as delícias das crianças que aí brincavam.

Para além disso, a sala, que ficava na mais alta torre do palácio, que era o mais alto palácio alguma vez construído, tinha uma enorme varanda coberta de flores de todas as cores que pendiam para o exterior como tapeçarias fabulosas. De dia, via-se da varanda um mar azul turquesa sem fim e as gaivotas pousavam no parapeito para cumprimentar os pequenos leitores. De noite, era o veludo azul escuro do céu bordado com milhares de estrelas cintilantes e a acolhedora luz pálida da lua que faziam as delícias de quem queria passar o serão na sala dos livros. A sala dos livros era, por isso, mágica e maravilhosa. Não havia um espaço assim em todo o reino, nem nos outros reinos em redor.

Um dia, a rainha Sofia recebeu a visita do jovem rei Frederico do reino vizinho das Montanhas. O velho monarca havia morrido e o seu filho estava agora a fazer as primeiras visitas oficiais para conhecer os outros reinos. Claro que a rainha Sofia o recebeu da melhor forma possível, mostrando-lhe todo o palácio e deixando para o final a sala dos livros.

Mal entrou naquele espaço, o jovem rei não cabia em si de espanto e deslumbramento, sobretudo ante a paisagem que se avistava da varanda. No entanto, quando se apercebeu de que o velho bibliotecário estava sentado numa poltrona a dormir a sono solto, exclamou indignado:

– Estimada rainha Sofia, o bibliotecário está ali sentado a dormir! Não devia permitir um abuso destes!

A rainha Sofia esboçou um sorriso de imensa bondade e apressou-se a esclarecer a situação.

– Meu caro rei Frederico, o nosso velho bibliotecário está só a descansar, pois esteve a trabalhar toda a noite. É só de noite, quando o espaço de biblioteca está mais sossegado, que o bibliotecário trabalha.

– Ai, sim? – respondeu o rei muito admirado – E o que faz então o bibliotecário do reino?

– Sempre que vê um livro desalinhado, ou mesmo caído da estante, é sinal de que algo de errado se passa com a história que está lá dentro. Por isso, o bibliotecário abre o livro, entra no universo da história e tenta levar a paz às personagens, com as suas palavras bondosas e com a sua sensatez. É um trabalho notável e fundamental para a harmonia do reino.

O rei escutara tudo atentamente, mas, como no seu reino não havia livros, nem bibliotecas, não estava a acreditar muito nas palavras da rainha:

– Peço desculpa, rainha Sofia, mas não estou a ver muito bem que problemas é que as personagens dos livros possam ter? Afinal são só livros, não é verdade?

– Sim, são só livros! – respondeu a rainha – Mas acredite que o universo das histórias tem uma ligação mágica com a realidade. E as personagens vivem situações muito complicadas, por vezes, até mais complicadas do que as das pessoas reais...

– Como assim? – perguntou o rei.

– Às vezes, são reinos que entram em guerra, porque querem ocupar um território ou porque os seus reis querem ser importantes – respondeu a rainha. – Então, o sábio bibliotecário fala com os reis. Diz-lhes que devem pensar no bem-estar dos seus povos. Diz-lhes que as pessoas têm sentimentos e também têm raízes como as árvores. E que sofrem muito por se verem arrancadas das suas terras e por verem as pessoas e as terras a sofrer.

O rei Frederico, que não estava nada convencido com aquelas explicações, perguntou com ar de desdém:

– Então, quer-me dizer que o bibliotecário é especialista no governo dos reinos?

– Não propriamente! – respondeu a rainha Sofia – O que eu quis dizer é que o nosso bibliotecário é uma pessoa sábia que tem um bom coração. Daí que seja tão apreciado no mundo das histórias. Por vezes, há livros com pessoas avarentas dentro. Então, lá vai o bibliotecário explicar-lhes que os bens materiais são secundários. Mas as personagens, muitas vezes, não acreditam nele. Enchem-se de ouro e esvaziam-se de sentimentos.

– Mas estão no seu direito, não lhe parece? – observou o rei.

– Claro que sim! – concordou a rainha. – Mas depois lá aparece outra vez o livro caído no chão. E lá volta o bibliotecário para dentro do livro e vai encontrar essas personagens completamente sozinhas e muito infelizes. Então este diz-lhes que será melhor que distribuam a riqueza pelos pobres e que abram o coração à amizade e ao amor.

– De facto, o que não falta por aí são velhos avarentos – respondeu o rei, cheio de ironia.

– Mas os sentimentos nada têm a ver com a idade – retorquiu a rainha Sofia. – Muitas vezes, o bibliotecário tem de levar consigo um espelho do coração, para que as mais belas princesas possam ver quão feios são os seus sentimentos.

O jovem rei parecia não estar muito convencido com aquilo que a rainha Sofia lhe acabava de lhe contar, e comentou, com um sorriso trocista:

– Então a rainha Sofia está mesmo convencida de que este senhor bibliotecário anda por aí de noite a resolver os problemas dos livros? E, ainda que andasse, acha que esse trabalho tem alguma importância para as pessoas?

– Por favor – retorquiu a rainha – então não vê a felicidade das crianças quando leem as palavras tão sábias e acertadas dos nossos livros? As crianças levam a alegria desta sala até às suas casas e chegam elas mesmas a dar conselhos muito válidos aos seus pais (que parece que já se esqueceram de algumas histórias). Essa sensatez é fundamental para o futuro do reino. Para construir um reino com paz e harmonia e cheio de bons princípios e valores.

O jovem rei anuiu com a cabeça apenas para não ser desagradável, mas, no fundo, achou completamente ridículas as preocupações da rainha e achou um desperdício que aquele espaço deslumbrante estivesse ocupado com livros. Conseguia muito bem imaginar-se a ocupar aquela sala e aquela varanda, fazendo aí os seus aposentos.

Foi então que decidiu engendrar um plano maléfico. Iria pedir à rainha Sofia que as crianças do reino das Montanhas fossem passar algum tempo no seu palácio e na sua biblioteca. Estas iriam, assim, ficar a saber tanto quanto possível sobre o reino da rainha Sofia, para que, mais tarde, o reino das Montanhas pudesse apropriar-se daquele pedaço de paraíso:

A rainha Sofia, que não suspeitava das más intenções do monarca, ficou muito contente com a ideia de as crianças do reino das Montanhas virem até ao

reino do Mar, pois era seu desejo que todas as crianças pudessem crescer rodeadas de livros. Por isso, concordou de imediato com a ideia.

No dia aprazado, lá partiram, com grande animação, todas as crianças do reino das Montanhas para passar as suas férias no reino do Mar. Mal chegaram, nem queriam acreditar que houvesse uma rainha com os olhos com a doçura do mel, com os cabelos feitos de raios de sol e com um sorriso que iluminava tudo à sua volta. Sentiram, pois, logo uma felicidade imensa. Depois, a rainha mostrou-lhes o palácio, os pátios reais, e, por fim, a sala dos livros.

Mal abriram a porta, ficaram maravilhadas com um enorme arco-íris que atravessava a sala de parede a parede, com o colorido dos livros nas estantes, com o inebriante perfume das flores e com o mar azul turquesa que se fundia com o próprio céu na linha do horizonte.

– Mas isto é maravilhoso!

– Isto é o paraíso!

– Não fazia ideia de que existia um lugar assim!

Viram também a um cantinho, a dormir e a apanhar sol, um ancião sentado numa cadeira. Parecia um sítio mágico e aquele avô parecia redobrar-lhe a tranquilidade e magia.

– Aquele senhor é o nosso bibliotecário. Não se preocupem, que ele está só a descansar. Trabalha muito aqui na biblioteca. Mas, se precisarem dele, não hesitem em chamá-lo. Ele vem logo ajudar-vos.

As crianças do reino das Montanhas já não queriam sair da sala dos livros. Sentaram-se no chão, nas mesinhas, nos banquinhos da varanda. Cada uma pegou num livro. Parecia que sabiam exatamente que livrinho é que haviam de ler. E, assim que abriam o livro e liam as primeiras palavras, não conseguiam parar de ler. E quando acabavam, sentiam-se muito mais felizes. E prometiam fazer coisas muito boas, para que as outras pessoas fossem felizes também. Conseguiram perceber melhor o que era a maldade e viam que o mal fazia as pessoas infelizes. Falavam muito entre elas sobre isso e sobre os livros que liam. Sobre a paz, que era urgente construir, e sobre a bondade, que era urgente cultivar.

Terminadas as férias, as crianças voltaram ao reino das Montanhas.

Quando chegaram a casa, contaram aos pais tudo aquilo que tinham visto e que tinham aprendido. Os pais ficaram muito impressionados. E, nessa noite, e nas noites que se seguiram, tiveram muito em que pensar. Não lhes saía da

cabeça todo aquele mundo de luz que os seus filhos haviam trazido consigo do reino da rainha Sofia. E estavam felicíssimos por sentirem que as crianças estavam mais felizes. Estavam também muito admirados ao verem que havia mais paz e harmonia nos seus lares, a cada dia que passava.

Não foi, por isso, de espantar que, quando o rei Frederico convocou todos os súbditos para lhes dar conta dos planos para invadir o reino da rainha Sofia, não tivesse conseguido arregimentar um único soldado para atacar o reino vizinho do Mar e conquistar o palácio, o porto e as gaivotas.

Muitos mostraram-se indignados. Disseram que era uma vergonha que o próprio rei não desse valor à beleza dos montes, dos riachos e da floresta. Disseram que, se o rei tivesse a mesma dedicação aos habitantes do reino como tinha a rainha Sofia, deveria construir, na torre mais alta do castelo, uma sala cheia de livros e com uma varanda de onde se pudesse avistar todo o esplendor da paisagem das montanhas.

E foi assim que os súbditos deram uma verdadeira lição ao jovem rei, fazendo com que os reinos do Mar e das Montanhas vivessem em harmonia para sempre.